

Materialidade arqueológica: entre a Geografia e as Sociedades Humanas

POR ENTRE PEDRAS E CACOS: À DESCOBERTA DA ARQUEOLOGIA EM AVIS¹

BETWEEN STONES AND SHERDS: TO THE DISCOVERY OF ARCHAEOLOGY IN AVIS

Recebido a 30 de agosto de 2021 Revisto a 07 de setembro de 2021 Aceite a 15 de setembro de 2021

Ana Cristina Ribeiro

Centro de Arqueologia de Avis ana.ribeiro@cm-avis.pt



¹ Comunicação integrada no programa das Jornadas "Arqueologia, Museus e Comunidade(s) – Fazer com todos", realizadas no Auditório do Museu do Côa nos dias 26 e 27 de abril de 2019.

Resumo

Neste artigo pretende-se abordar o papel da Arqueologia municipal no estudo, na salvaguarda e na divulgação do património arqueológico. Apresenta-se o caso de Avis onde, desde final de 2002, tem vindo a ser desenvolvido um programa arqueológico, ampliado, em 2011, com a criação do Centro de Arqueologia de Avis (CAA). Considerando que a produção de conhecimento implica necessariamente a transferência do mesmo, o CAA mantem uma relação estreita com a comunidade, privilegiando o contacto directo com as realidades arqueológicas e com os trabalhos que lhe estão associados. Este princípio efectiva-se através da concretização de iniciativas diversificadas e orientadas para públicos distintos, promovendo assim a compreensão, a partilha e a participação.

Pela importância desta relação na preservação e valorização da memória colectiva, o CAA assume-se como um espaço de diálogo da Arqueologia com a comunidade, numa dinâmica gratificante que aproxima as pessoas ao seu património. Partilhar essa experiência, assim como os desafios que se colocam, constituem a base do presente texto.

Palavras-Chave: Arqueologia Municipal, Comunicação, Comunidade, Participação, Identidade

Abstract

This article aims to discuss the role of municipal Archaeology in studing, safeguarding and disseminating the archaeological heritage.

It presents the case of Avis where, since the end of 2002, an archaeological program has been developed, expanded with the creation of the Avis Archaeology Center, in 2011. Considering that the production of knowledge necessarily implies its transfer, the CAA maintains a close relationship with the community, privileging direct contact with archaeological realities and with the works associated with them. This principle is effectivated through a diversified initiatives, targeted to different audiences, promoting the understandings, sharing and participation.

Because of the importance of this relationship in the preservation and enhancement of collective memory, the CAA assumes itself as a space for dialogue between Archaeology and the community, in a rewarding dynamic that brings people closer to



their heritage. Sharing this experience, as well as the challenges that arise, are the basis of this text.

Keywords: Municipal Archaeology, Communication, Community, Participation, Identity

Nota Introdutória

O modelo desenvolvido, desde 2011, pelo Centro de Arqueologia de Avis (CAA) ao nível da relação da Arqueologia com a comunidade constitui um dos exemplos das estratégias de intervenção arqueológica, de iniciativa exclusivamente autárquica, implementadas a nível local/regional.

Uma década após a abertura do CAA, importa reflectir sobre o seu contributo na promoção e valorização da Arqueologia e do património arqueológico local, assim como o seu papel na sensibilização e educação patrimoniais. Nesse sentido, recupera-se, no presente artigo, o texto redigido, em outubro de 2019, na sequência da participação do CAA nas Jornadas "Arqueologia, Museus e Comunidade(s) – Fazer com todos", realizadas no Auditório do Museu do Côa nos dias 26 e 27 de abril de 2019.

1. Arqueologia Municipal

As autarquias, enquanto promotoras da actividade arqueológica, têm um papel determinante na salvaguarda, estudo e valorização do património arqueológico a nível local. Contudo, a expressão desse contributo é determinada, em grande medida, pelas estruturas criadas, pelas equipas disponíveis e pelos recursos financeiros disponibilizados.

Apesar de deter um nível de intervenção privilegiado enquanto agentes locais, acedendo de forma directa ao património arqueológico e estabelecendo, simultaneamente, uma relação próxima com a comunidade, o facto é que a Arqueologia nem sempre é uma prioridade das autarquias.

Embora o panorama, em diversos casos, não se afigure o mais favorável, a Arqueologia municipal adquiriu uma expressão significativa que se manifesta em diversos exemplos. A criação de estruturas orgânicas com atribuições relacionadas com a prática arqueológica, desenvolvida por arqueólogos em regime de continuidade e com relações laborais estáveis, e a crescente valorização do património arqueológico enquanto



recurso local, têm contribuído para o crescimento e consolidação da Arqueologia municipal.

É neste contexto que se insere o caso de Avis, onde, desde final de 2002, tem vindo a ser desenvolvido, por iniciativa municipal, um programa arqueológico implementado em regime de continuidade, que articula as vertentes científica, cultural e pedagógica.

2. Um Breve Enquadramento

Avis localiza-se no distrito de Portalegre e ocupa uma área com cerca de 606 km2, numa zona de fronteira entre o limite oriental da Bacia do Baixo Tejo e o Maciço Antigo. Apresenta uma considerável diversidade paisagística e natural que determinou a presença humana desde tempos recuados nesta região.

As referências publicadas sobre o património arqueológico de Avis remontam ao final do século XIX e revelam uma clara preferência pelo megalitismo, embora se verifique, ao longo do século XX, o interesse por outros sítios.

Na história da Arqueologia local outras acções foram igualmente relevantes como foi o caso dos trabalhos promovidos pelo Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado da Juventude, em 1972 e 1973, e pelo Grupo de Trabalho e Acção Cultural Ervedalense - Secção de Arqueologia, em 1976.

Em 1999 e 2000 o Instituto Português de Arqueologia, através da sua Extensão no Crato, procede à relocalização e identificação de sítios, e no mesmo período são efectuadas acções de valorização de património megalítico.

Salienta-se ainda a integração de sítios arqueológicos Plano Director Municipal, de 1995, e nos Planos de Ordenamento das Albufeiras de Maranhão e de Montargil, de 1999 e 2002.

Em 2002 foi criado o Gabinete Técnico Local de Avis para a elaboração do Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Avis. Este será o ponto de viragem na estratégia municipal relativamente ao património arqueológico, que, após a conclusão do gabinete, desenvolve uma abordagem alargada ao concelho.

A Carta Arqueológica de Avis, iniciada em 2005, revelou-se determinante na definição de estratégias de intervenção, desempenhando, simultaneamente, um papel crucial na gestão do património arqueológico. A partir deste trabalho foram implementadas diferentes acções, das quais se destacam os projectos de investigação



"Intervenção arqueológica no sítio da Ladeira, Ervedal" (1.ª fase – 2006/2010), "Carta Arqueológica de Avis" (2.ª fase - 2010/2014), "Territórios e espaços de morte na préhistória recente" (1.ª fase - 2014-2018) e o "Plano de Gestão e Valorização de Sítios e Monumentos Arqueológicos (PGVSMA)".

Com a informação reunida foram criados mecanismos de gestão de dados, materializados no Inventário Geral de Património Arqueológico de Avis, e respectivo sistema de informação geográfica, instrumentos que possibilitam, para além do inventário e registo de sítios, a articulação de dados, determinante ao nível do planeamento e gestão territorial, em particular perante a necessidade actual de se efectivar a revisão do Plano Director Municipal de Avis.

A acção preventiva, em particular em ambiente urbano, tem sido igualmente importante, sendo assegurada pela participação na gestão urbanística, com a definição de medidas preventivas e de minimização no âmbito do processo de licenciamento de obras.

Neste contexto de crescimento da actividade arqueológica em Avis, foi criado, em 2011, o Centro de Arqueologia de Avis. Localizado na zona antiga, o Centro ocupa uma fracção do conjunto monástico de São Bento de Avis e constitui um espaço científico e cultural onde se reúnem as condições para o desenvolvimento da Arqueologia à escala municipal (Ribeiro 2011, pp. 582-586, *idem*, 2012, pp. 191-193).

3. As Pessoas

Os trabalhos realizados em Avis têm posto a descoberto parte do património arqueológico do concelho que, para além da componente científica, desempenha um papel significativo ao nível da história e identidade locais. A preservação e a valorização destes testemunhos dependem, por isso, do envolvimento da comunidade e dos laços que detêm com o seu património.

Pela importância desta relação, importa avaliar e compreender qual é o grau de afectividade em relação ao património arqueológico, o envolvimento que pode ser criado e as expectativas existentes em relação à prática da Arqueologia.

Nesse sentido, o CAA mantem uma relação estreita com a comunidade, privilegiando o contacto directo com as realidades arqueológicas e com os trabalhos que lhe estão associados, princípio que, estando subjacente à própria concepção do espaço, se efectiva através da concretização de iniciativas diversificadas e orientadas para públicos distintos, promovendo assim a compreensão, a partilha e a participação.



E porque a produção de conhecimento implica necessariamente a transferência do mesmo para a comunidade, tornar essa informação atractiva e facilitar a sua compreensão são duas das premissas que estão na base do processo interpretativo dos dados científicos e da sua transferência para um discurso inteligível e acessível a um público mais alargado.

Captando-se e renovando-se o interesse da comunidade, assegura-se uma boa comunicação que, por sua vez, tende a consolidar o interesse pela Arqueologia e a valorizar o papel social do arqueólogo.

Este processo de aproximação estimula a partilha e novas perspectivas sobre o património arqueológico local e o território, com novos contributos para o discurso arqueológico e, simultaneamente, induz e instrui a comunidade sobre questões relacionadas com a preservação e valorização deste seu legado.

Com esta relação, de natureza recíproca, o CAA tem oportunidade de estreitar esta proximidade e receber da comunidade a sua visão do património e do território, materializada sobre diversas formas, que vão desde os testemunhos individuais, tradição oral ou histórias locais, até registos documentais, coleções privadas ou recolhas fortuitas.

Nesta dinâmica gerada em torno da Arqueologia, privilegia-se a comunicação directa assegurada pelas visitas, orientadas ou ocasionais, com especial destaque para as que ocorrem em contextos práticos de exercício de Arqueologia, no CAA, em escavação ou em acompanhamento de obra. Através do contacto directo, é possível dar a conhecer os contextos, os métodos e técnicas, os objectivos, assim como os avanços e as questões inerentes ao próprio processo interpretativo (Figura 1).





Figura 1 - Descobrir a Pré-História. Iniciativa integrada no programa do serviço educativo do CAA. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Uma outra modalidade são as visitas organizadas de acordo com um programa previamente definido. Aqui a comunicação assume um carácter indirecto, uma vez que não decorre em contexto de trabalho e pressupõe a existência de um discurso interpretativo definido.

No espaço do CAA foi constituído um modelo de visita dinâmico e devidamente adaptado, que permite o contacto com artefactos "fora da vitrine", aceder a espaços normalmente vedados do público e descobrir diferentes etapas de trabalho. Por se encontrar de "portas abertas", o CAA recebe também visitantes casuais, com os quais é igualmente partilhada esta experiência.

A existência de sítios com significativo potencial cultural e turístico permitiu a divulgação de sítios visitáveis. O modelo de visita tem vindo a ser reestruturado, procurando, mais do que uma visita contemplativa, proporcionar a descoberta, não só dos sítios arqueológicos, mas também da envolvente e de outros valores patrimoniais, numa visita autónoma e enriquecedora.

Neste sentido, e procurando contribuir para diversificar e ampliar a oferta cultural e turística local, tem-se procurado incluir os pontos de interesse arqueológico em circuitos temáticos e integrados de visita.



A implementação do PGVSMA permitiu rever as prioridades ao nível das valências do património arqueológico local e determinou uma nova forma de relação com a comunidade: a eficácia do plano passa obrigatoriamente pelo envolvimento e participação dos agentes locais que, por vivenciarem diariamente os territórios onde se encontram os sítios, constituem parte activa na sua salvaguarda e valorização. Integrado nas acções de divulgação previstas no PGVSMA, foi constituído o Roteiro Megalítico "Entre Pedras e Pedrinhas" (Figura 2).

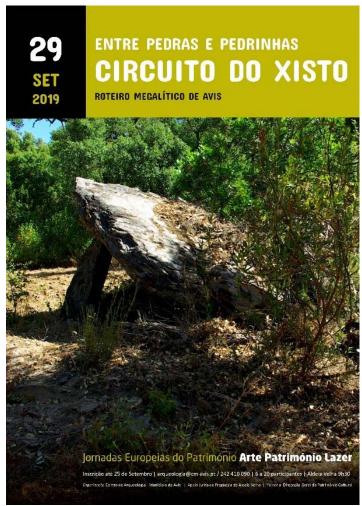


Figura 2 - Actividade de dinamização do Roteiro Megalítico de Avis. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Como forma de apoio às visitas o CAA disponibiliza folhetos informativos, em diferentes formatos, dos quais se destacam a "Sítios, artefactos e memórias" ou, mais recentemente, os circuitos integrados no Roteiro Megalítico.

A partilha de informação é reforçada pela elaboração de discursos expositivos, inicialmente realizados no Museu Municipal de Avis e posteriormente transferidos para a Biblioteca do CAA. Estas iniciativas, mais do que apresentarem sínteses interpretativas,



renovam os motivos para novas visitas, podendo contribuir também para o envolvimento da comunidade, como sucedeu com os trabalhos realizados pelos alunos do Agrupamento de Escolas de Avis, que originaram uma exposição, ou a disponibilidade das juntas de freguesia para receberem exposições itinerantes.

O CAA tem sido igualmente local para a realização de apresentações públicas, mas é também importante levar a Arqueologia até às pessoas. A presença em eventos de âmbito local e regional, a organização ou participação em palestras ou actividades educativas e o reforço das parcerias com identidades locais têm sido estratégias adoptadas para difundir e integrar a Arqueologia noutros contextos para além da divulgação científica (Figura 3).



Figura 3 - Ladeira, 100 anos depois. Conferência que assinalou o Centenário da Intervenção de José Leite de Vasconcelos no Sítio Arqueológico da Ladeira (07.08.2012). Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Houve a necessidade de se criar um meio de comunicação onde se estabelecesse um elo regular com a comunidade. Em 2006 foi editado o primeiro número do boletim de Arqueologia DA TERRA (Figura 4) e, em 2011, com a abertura do CAA, o boletim tornase num dos principais meios de difusão que se alargou, a partir de 2014, com a versão digital.





Figura 4 - Capa do boletim do Centro de Arqueologia de Avis (edição de 2018). Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

O recurso a plataformas digitais constitui uma forma rápida e económica de partilhar informação com um público mais alargado e diversificado. Para além da utilização dos canais oficiais do município, a utilização do Facebook e do ISSUU do CAA tem permitido aceder a um número mais alargado de *visitantes* e diversificar os canais de comunicação, assegurando uma divulgação regular.

A criação de iniciativas de divulgação online, assim como a edição de breves notícias, suportes promocionais ou publicações em formato digital, são alguns dos exemplos das estratégias mais recentes da utilização destas plataformas.



Das formas de partilha e envolvimento, a que se torna mais expressiva é, sem dúvida, a vertente educativa (Figura 5).



Figura 5 - Arqueólogo por um dia. Iniciativa integrada no programa do serviço educativo do CAA. Fonte Centro de Arqueologia de Avis

Criar novas formas de olhar e sentir este legado patrimonial tem sido uma das prioridades do CAA. Para isso, é assegurado um programa alargado de actividades dirigidas para o público escolar, cuja origem recua a iniciativas como o Clube de Arqueologia, as Oficinas temáticas ou a participação na Agenda Pedagógica. Deste modo, promoveu-se a formação prática dos participantes e o contacto directo com o património arqueológico, pressupostos de actuação que foram ampliados e diversificados com a criação do CAA.



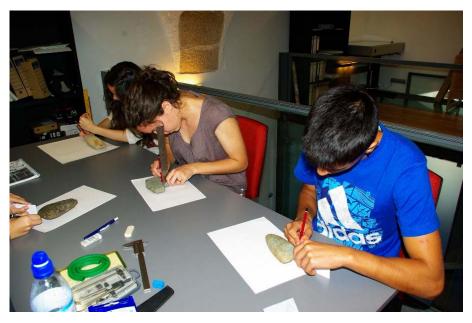


Figura 6 - Oficinas temáticas de Arqueologia - Desenho arqueológico. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Ao longo do tempo verificou-se um incremento das acções educativas e dinamizaram-se temáticas (Figura 6), assistindo-se, simultaneamente, a um aumento das solicitações para a realização ou colaboração em actividades. As iniciativas implicam uma adaptação de conteúdos às idades e nível e aprendizagem, estimulando, assim, uma constante actualização dos programas e conteúdos apresentados, abrangendo do préescolar até ao ensino secundário.



Figura 7 - Arqueólogo por um dia. Iniciativa integrada no programa do serviço educativo do CAA. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis



Realizadas no CAA ou no exterior, estas iniciativas procuram dinamizar as temáticas (Figura 7), recorrendo, para isso, a instrumentos diversos de apoio e a parcerias, enriquecendo o discurso e tornando mais atractiva a informação.

Mas a participação da comunidade nos trabalhos arqueológicos é indispensável, em particular em faixas etárias onde se verifica uma maior apetência para a criticidade e apropriação de conhecimentos.

Neste sentido, e porque o trabalho prático constitui a fase mais atractiva, permitindo experimentar a sensação da descoberta, partilhada em grupo, compreender os contextos naturais e humanos e a sua importância para a interpretação histórica de determinado local, foi criada uma rede de colaboradores que, desde 2005, elegem a Arqueologia como área preferencial para ocupação dos seus tempos livres.



Figura 8 – Manutenção de sítios arqueológicos. Jovens em Movimento. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Integrados num programa de iniciativa municipal, Jovens em Movimento, os participantes, com idades compreendidas 16 e 26 anos, têm oportunidade de colaborar em trabalhos arqueológicos diversos (Figura 8). Para além das questões de consciencialização e de sensibilização, estes períodos de trabalho revestem-se também de uma importante componente formativa.





Figura 9 – Intervenção arqueológica no Mosteiro de São Bento de Avis. Jovens em Movimento. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

4. Para uma Dinâmica Local

Pela proximidade à comunidade e pela vivência local, o CAA constitui um exemplo de como a Arqueologia municipal pode e deve desempenhar um papel interventivo e inclusivo.

Com a implementação de um modelo de gestão da informação arqueológica, que resulta da articulação entre o conhecimento científico e as vertentes cultural, pedagógica e turística, o CAA tem vindo a afirmar a relevância do património arqueológico, evidenciando os valores intrínsecos de sítios e artefactos, descodificando o seu significado (Figura 10).





Figura 10 - Pedras que contam histórias. Iniciativa integrada no programa do serviço educativo do CAA. Fonte: Centro de Arqueologia de Avis

Ao tornar a informação acessível e atractiva possibilita o usufruto e a compreensão, assegurando a transição entre a pedagogia lúdica e o carácter didáctico e dinâmico, contribuindo, desta forma, para a edução patrimonial e para a dinamização cultural e turística do concelho.

O balanço da actuação do CAA neste domínio é claramente positivo, mas é fundamental garantir a revisão e renovação das formas de comunicação. Trata-se de um desafio permanente, mas determinante para efectivar o retorno dos trabalhos e o reconhecimento das valências sociais e económicas do património arqueológico enquanto recurso.

Ao assumir-se como um espaço de diálogo, o CAA recupera o valor histórico de "pedras e cacos" e devolve-os à comunidade enquanto testemunhos da memória colectiva e da identidade local. Neste processo, de carácter contínuo, o património passa a ser reconhecido enquanto tal, e abrem-se novas e motivadoras possibilidades de intervenção.



Bibliografia

- Almeida, M. J. (2007). Inquérito Nacional à actividade arqueológica: uma segunda leitura sobre a actividade arqueológica nas autarquias portuguesas. In *Praxis Archaeologica*. Associação Profissional de Arqueólogos, 2, 129-171.
- García Hernández, J. (2018). Educación patrimonial: ¿educar con patrimonio o con él? Crítica subjetiva. In *La Descommunal. Revista Iberoamericana de patrimonio e comunidad*, IV, 587-602.
- Raposo, J. (2015). Ciência e cidadania: sociabilização da Arqueologia e do Património. In *Antrope*, Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, nº 2, 10-29.
- Ribeiro, A. C. (2005^a). Museu de Avis: Etnografia e Arqueologia: do museu actual à situação ideal. In *Revista Al-madan*, n.º 13, 149-150.
- Ribeiro, A. C. (2005b). Clube de Arqueologia de Avis: uma experiência pedagógica. In *Revista Al-madan*, n.º 13, 150.
- Ribeiro, A. C. (2011). (Re)Descobrir Avis. Contributos para o estudo e valorização do património arqueológico do concelho. In *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Cascais, 567-588.
- Ribeiro, A. C. (2012). Centro de Arqueologia de Avis: um novo impulso no estudo e na preservação do património arqueológico do Concelho. In *Revista Al-madan*, n.º 17, tomo 1, 191-193.
- Ribeiro, A. C. (2017). Plano de Gestão e Valorização de Sítios e Monumentos Arqueológicos: um contributo para a salvaguarda do património megalítico de Avis. In *Al-madan*. nº 21, tomo 2, 33-42.
- Ribeiro, A. C. (2018). "Entre Pedras e Pedrinhas. Construção de um Roteiro Megalítico em Avis". In *Al-madan*. nº 21, tomo 2, 8-17.
- Silva, A. (2014). Depois de Abril: quatro décadas de Arqueologia Municipal em Portugal. In *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, volume XIII, 75-88.
- Silva, C. T. da & Neustupny, J. (1977). *A Arqueologia: que função social. Museu de Arqueologia e Etnografia*, Junta Distrital de Setúbal.

